

**AS RELAÇÕES DE TRABALHO QUE OS/AS  
PROFESSORES/AS DO ENSINO SUPERIOR EXERCEM NA  
REALIDADE CONCRETA DE UMA INSTITUIÇÃO  
UNIVERSITÁRIA<sup>1</sup>**

**THE MEDIATIONS THAT HIGHER EDUCATION TEACHERS  
EXERCISE IN THE CONCRETENESS OF A UNIVERSITY  
INSTITUTION**

**Guilherme dos Santos Ribeiro<sup>i</sup>**

**Laís Leni Oliveira Lima<sup>ii</sup>**

**RESUMO:** Este artigo objetiva examinar as relações de trabalho que os/as professores/as do ensino superior exercem na realidade concreta de uma instituição universitária pública não gratuita. Bem como, desvelar as multideterminações que envolvem o trabalho do/a docente, e indagar o sentido do trabalho diluído numa sociedade capitalista. As análises foram amparadas no Materialismo Histórico Dialético, apreendendo o real a partir de suas contradições. Após o levantamento dos docentes que compunham o quadro dos cursos disponíveis, nos interessamos pelos cinco cursos com maior número professores componentes do corpo docente e a influência financeira destes cursos na receita da instituição. Desta maneira buscamos compreender as dificuldades e desafios que esses trabalhadores enfrentam levando em consideração as relações e as mediações que interferem no ambiente de trabalho. Os resultados sugerem que o professor tem, circunscrito na lógica de produção do capital, uma configuração de mediações de empobrecimento e fragmentação do seu trabalho e, conseqüentemente, do seu valor humano e formativo.

**Palavras-chave:** Educação. Educação Superior. Relações. Mediações. Trabalho Docente.

---

<sup>1</sup> Este texto é um recorte de uma pesquisa de Dissertação de Mestrado, realizada no programa de pós-graduação Mestrado em Educação de uma Universidade Pública Federal, configurado na linha de pesquisa, Formação Humana e Fundamentos da Educação.

**ABSTRACT:** This article aims to examine the work relationships that university professors experience in the concrete reality of a non-gratuitous public institution. Additionally, it seeks to unveil the multideterminations surrounding the work of the teaching staff and to question the meaning of work diluted in a capitalist society. The analyses are grounded in Dialectical Historical Materialism, apprehending the real from its contradictions. After surveying the faculty members comprising the available courses, we focused on the five courses with the highest number of professors in the faculty and the financial influence of these courses on the institution's revenue. In this manner, we seek to comprehend the difficulties and challenges faced by these workers, considering the relationships and mediations that interfere in the work environment. The results suggest that the professor, confined within the logic of capital production, has a configuration of mediations leading to the impoverishment and fragmentation of their work and, consequently, their human and formative value.

**Keywords:** Education. Higher education. Relations. Mediations. Teacher's work.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo examinar as relações e mediações de trabalho que os professores do ensino superior exercem na realidade concreta de uma instituição universitária pública não gratuita. A elaboração da indagação acerca das mediações<sup>2</sup> do trabalho docente em um específico conjunto de determinantes<sup>3</sup>, surgiu enquanto trabalhador e pesquisador preocupado com a conjuntura da realidade concreta do trabalho docente na lógica do modo de produção da sociedade capitalista, ao mesmo tempo, a fim de compreender a estrutura e conjuntura, que, em certo sentido, engendra o sentido formativo, foi eleito como objeto de estudo o trabalho docente dentro de uma universidade pública não gratuita.

Comprendemos que era preciso realizar um levantamento histórico e econômico do local de pesquisa<sup>4</sup>, a fim de examinar dialeticamente o objeto (o trabalho docente em nível superior).

---

<sup>2</sup> Conjunto de relações e ações dialéticas que possuem caráter ontológico de ordem econômica, afetiva, intelectual e formativa. Desta forma, as mediações referentes ao trabalho podem ser de primeira ordem, configuradas em relações de enriquecimento do homem (singular) e da humanidade historicamente construída (sociedade e cultura), na qual o homem se relaciona com a natureza e a transforma construindo o mundo da cultura e a si mesmo no processo, proporciona conhecimento do mundo e de sua posição histórica e social. Ou podem ser de segunda ordem, na qual os processos de produção do capital alienam todas as benesses do trabalho, alienando o indivíduo e empobrecendo e cerceando suas capacidades de compreensão e participação na sociedade.

<sup>3</sup> Situações concretas que estão dadas e modificam dialeticamente as relações: regime de trabalho horista, instituição pública não gratuita e relação do trabalhador com a administração e gestão da instituição.

<sup>4</sup> Maiores detalhes sobre a constituição histórica, econômica e política do local de pesquisa, ver Ribeiro (2021).

Igualmente, entendemos que no método de estudo de caso e na abordagem materialista histórica dialética, a compreensão da essência do objeto exige que essa essência possa ser estabelecida e situada no tempo e espaço, pois, a própria realidade está em constante construção.

A produção científica, de modo geral, começa a partir de esforços e conhecimentos previamente estabelecidos e elaborados com rigor acadêmico necessário. Assim, na busca de obter dados preliminares e perceber quais contribuições podem ser dadas ao atual estado do conhecimento da temática, encontramos uma gama de produções que propõe o debate da situação do trabalho docente em diferentes publicações, entretanto, não encontramos pesquisas que compreendessem condições de trabalho dual em instituições públicas não gratuitas com professores em regime horista nos bancos de dados programas de pós-graduação, isso justifica a importância dessa pesquisa.

No Brasil, a pesquisa e o debate das temáticas de educação com uma análise crítica têm uma história de crescimento nos últimos 50 anos. De acordo com Saviani (2005) a análise dos assuntos educacionais na perspectiva da dialética passa a ser bem recebida e consegue expandir-se no campo da educação no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, com aumento dos debates e estudos na teoria crítica da sociedade investigadas por Marx e nas obras de seus seguidores.

No estado de Goiás, mais especificamente sobre o sudoeste goiano, as inter-relações da educação e do trabalho docente, não diferente de qualquer outra situação, é resultado das múltiplas determinações históricas. Porém, na região, a partir da década de 1960 ocorreu a transferência de um estágio mais primitivo de produção agrária a uma modernização consoante ao incentivo capitalista de expansão das áreas de produção agrícola. Esse deslocamento de interesses econômicos produz e é produzido por uma gama de determinações quanto à relação da educação e o mundo do trabalho (SILVA, 2015). Assim, segundo Reis (2014), as definições do tipo de produção que ocorreria no Centro-Oeste, bem como a expansão e interiorização das Instituições de Ensino Superiores (IES) foram, portanto, um desígnio dos senhores que comandavam esta fase do capitalismo no país.

Na perspectiva marxiana<sup>5</sup> e marxista<sup>6</sup> é central a leitura e interpretação das relações do ente humano com o trabalho, enquanto formação ontológica e social do gênero humano (ANTUNES, 2009). É por meio do trabalho que o homem se relaciona com a natureza e produz não só sua subsistência natural, ou seja, suas necessidades básicas de sobrevivência, mas reproduz intencionalmente a sociedade. Em contrapartida, a sociedade capitalista preconiza o trabalho alienado em prejuízo humano que promove a descaracterização dos homens, quando perde seu caráter ontológico e passa a ser comercializado de modo objetivado.

---

<sup>5</sup> O adjetivo marxiano é utilizado para se referir a influência decisiva do pensamento de Marx, isto é, uma pedagogia inerente ao próprio pensamento de Marx (MANACORDA, 2000).

<sup>6</sup> O adjetivo marxista é àquele que se refere à tradição construída a partir de Marx pelos seus seguidores ou intérpretes (MANACORDA, 2000).

## 2 O TRABALHO DOCENTE: PRÁTICAS EMPOBRECEDORAS DA VITALIDADE DO TRABALHO

Esta seção objetiva compreender práticas empobrecedoras da vitalidade do trabalho, assim, tratamos das relações e mediações que os docentes desenvolvem com relação às dificuldades enfrentadas pela fragmentação das relações de trabalho e, conseqüentemente, da própria identidade profissional que afeta o bem-estar e o engajamento dos trabalhadores na busca da transformação da educação, de modo que os professores são sistematicamente afastados do poder revolucionário do trabalho. Sendo desta maneira, exponencialmente expostos a condições fantasmagóricas de trabalho e submetidos a ameaça do desemprego estrutural elevado.

O trabalho, no sentido marxiano da palavra, deve propor vida, saúde e humanização, ou seja, enriquecimento do homem em seu sentido social, cultural e filosófico, formando o indivíduo e proporcionar a sua integração à sociedade, realidade diametralmente oposta ao que se observa na sociedade do capital que empobrece o homem, o exclui de suas potencialidades e lhe aliena a humanidade atribuindo caráter objetificado, adoecendo o trabalhador e encurtando seu tempo de vida.

Compreendemos que a realidade não é simples ou plana, outrossim, é resultado multidimensional de diversas questões que se determinam e se modificam, por isso precisamos analisar a realidade de maneira dialética e que os processos do capital estão enraizados em diversas mediações e situações do cotidiano. De acordo com Marx

A questão de saber se ao pensamento humano cabe alguma verdade objetiva [*gegenständliche Wahrheit*] não é uma questão da teoria, mas uma questão prática. É na prática que o homem tem de provar a verdade, isto é, a realidade e o poder, a natureza ceterior [*Diesseitigkeit*] de seu pensamento. A disputa acerca da realidade ou não realidade do pensamento – que é isolado da prática – é uma questão puramente *escolástica* (MARX; ENGELS, 2007, p. 533, grifo nosso).

O enunciado por Marx, destaca que é na prática e nas determinações da realidade material que se desenvolvem os aspectos objetivos que constituem a realidade, e apenas se nos debruçarmos a desvelá-los podemos realizar a análise da realidade concreta. Desta forma, faz-se necessário compreender quais dinâmicas obscurecem e impedem esse avanço qualitativo, ou seja, uma real transformação do trabalho docente em uma atividade com valor ontológico e conseqüentemente transformador dos processos educativos.

Diante disso, no ambiente da IES, buscamos apreender, junto aos docentes, as práticas empobrecedoras da vitalidade do trabalho e, uma vez que sejam expostas à luz da análise dialética, essas possam ser superadas, a fim de que se revolucione as dinâmicas de formação e de ação docente de modo a superar a configuração atual da sociedade de produção do capital e propor um ambiente que ofereça uma educação enriquecedora das qualidades humanas, em contraponto a mera qualificação da força de trabalho para produção de bens e serviços.

A referida pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética. Elegemos uma amostra de professores dos 5 cursos com o maior quantitativo corpo docente e maior receita. Portanto, após o levantamento dos docentes que compunham o quadro dos cursos disponíveis, chegamos ao seguinte total de docentes: Medicina (56), Odontologia (44), Agronomia (41), Engenharia Civil (39) e Direito (38). Isso posto, dado o contexto de pandemia<sup>7</sup> durante o processo de pesquisa, logramos a participação de 50 professores. Desta maneira buscamos compreender as dificuldades e desafios que esses trabalhadores enfrentam e quais relações e mediações realizam no ambiente de trabalho para tornarem-se sujeitos críticos e políticos, bem como promotores desses preceitos junto aos seus alunos e a comunidade na qual a universidade está inserida, bem como analisar os desdobramentos dessas condições no cenário regional e nacional.

Como efeito, devemos compreender a realidade objetiva e pensar as transformações a partir desse plano, a realidade precisa de uma aproximação pautada em análise prática da realidade e uma superação dessa situação concreta só se dará mediante uma transformação das condições objetivas, nesse sentido, ao contrário do que a filosofia clássica pode levar a pensar, como não é a percepção humana nem a ideia dos homens que moldam a realidade, na verdade estas são resultado das condições econômicas, objetivas e das relações sociais, segundo Dangeville (2011, p. 116) “[...] são portanto as condições materiais que é preciso ‘educar’ ou melhor revolucionar, e não as pobres cabeças”. Desta forma, o autor propõe que a educação busque transformar a realidade concreta e objetiva e não apenas as ideias.

Como alternativa a essas forças massacrantes de alienação e desumanização Rossler (2004) indica a tomada de uma práxis educativa transformadora e revolucionária. A atividade formadora deve ser diversa e saudável para que possa proporcionar o maior crescimento e desenvolvimento completo do indivíduo, bem como, promover a consciência, a criticidade e a transformação da vida real. Ou seja, é mister avançar o modelo de trabalho à verdadeira práxis, que possibilita tornar-se “[...] ciente da sua missão de luta e transformação” (ROSSLER, 2004, p. 97). Assim, compreendendo que quanto mais rica e diversificada é a educação, maiores são as condições de ela proporcionar a omnilateralidade. Este é, então, o conceito que Marx usa para designar “[...] o desenvolvimento total, completo, multilateral do ser humano, em todos os sentidos das faculdades e das forças 'produtivas, das necessidades e da capacidade de sua satisfação” (LIMA, 2010, p.59).

Portanto, na pesquisa realizada sobre “O professor e o trabalho da IES<sup>8</sup>: uma investigação numa perspectiva marxiana” (RIBEIRO, 2021), questionamos os professores acerca de suas trajetórias até chegarem a atual situação de trabalho. Constatamos que uma boa parte dos entrevistados não têm à docência como única atividade profissional, outrossim, indagamos as mediações de tempo e qualidade de vida entre os trabalhos e o vínculo com a IES. A fim de aferirmos a satisfação, a construção identitária, consciência de classe e formação que consideravam necessária em comparação com a que possuíam para exercer as atividades do trabalho docente. E ainda, inquirimos os participantes quanto às percepções de satisfação com as condições de trabalho, desta vez com intuito de registrar e provocar

---

<sup>7</sup> Durante o fim do ano de 2019 até a data de conclusão deste trabalho, o mundo enfrentou a pandemia de COVID-19, causada pelo vírus Sars CoV-2, com um grande número de mortos e grandes impactos na economia mundial e nos desdobramentos políticos.

<sup>8</sup> Nome fictício.

as reflexões críticas quanto as relações de trabalho e mediações da realidade destes docentes. Confrontando aspectos estruturais físicos e lógicos da organização da Universidade.

Se a economia determina as condições de uma realidade, na IES estudada que possui fortes tendências a seguir planos de administração e gestão comerciais, aos moldes da iniciativa privada, as dualidades de direito público *versus* privado, acirram as disputas de interesses. Os quais 70% dos entrevistados relataram importar mais às diretivas que a IES toma, um aspecto mais capitalista referente ao conteúdo e divisão do trabalho, bem como da mercadorização do ensino, perceptíveis nas posturas veladas de ameaças de cortes de salários e benefícios, estimulando os professores a se engajarem em captação de alunos e conseqüentemente garantir o pagamento das mensalidades.

Tal inconstância e incerteza é relatado por Oliveira (2011) como um dos fatores que instrumentalizam a fragmentação do trabalho e conseqüentemente tem conseqüências deletérias a autorrealização do professor, que não se identifica ou se inteira ou escolhe se abster dos debates e das ações políticas, afastando tanto uma atividade crítica e colaborativa para melhoria do ensino e da vida comum no ambiente universitário, como fortalece uma gestão autoritária e pouco transparente quanto a direção de pessoas e de recursos públicos - travestidos de privados em um misto de privatização e alienação dos direitos relacionados a *res publica* (coisa pública, conceito que designa bem ou serviço que pertence a todos).

## 2.1 Relações e mediações dos trabalhadores docentes no dia a dia: percepções, sentidos e possibilidades de lidar com a realidade do trabalho

Após a análise de determinadas práticas empobrecedoras da vitalidade do trabalho docente e da situação no contexto atual e histórico, interrogamos os entrevistados para confrontarmos, a tese, do conceito de trabalho, com os elaborados a partir da prática e do cotidiano dos mesmos, a antítese. Com efeito, quando questionados quais os conceitos possuíam quando falamos de trabalho, de modo geral todos foram hesitantes, como se a questão apresentasse um objeto mais complexo, portanto, as respostas foram variadas quanto ao que seriam os sentidos e significados de trabalho. De outra sorte, os entrevistados parecem possuir a uma ideia mais acertada, revelada, predominante, quanto ao sentido de emprego, de modo que o emprego na maioria das respostas foi similar, como por exemplo *'uma forma de trabalho que está intrinsecamente ligado à formalidade'*. O emprego é, então, a caracterização do trabalho dentro de uma organização formal, hierarquizada, subordinada às relações de produção e remuneração, mas em termos práticos, não está afastado dos termos de trabalho.

A partir da primeira indagação do que seriam os conceitos de trabalho, inquirimos a respeito do de emprego e, após uma breve reflexão, em regra, os docentes submetidos à lógica de trabalho no modo de produção do capital, na tentativa de caracterizar ou definir o termo, relacionavam e variaram a inclusão dos condicionantes: obrigações, direitos e deveres prescritos contratualmente, serviços prestados a alguém entre outros semelhantes, mas que sempre pressupunha a salário, ou pagamento.

Segundo Marx (2008, p. 23) “[...] o salário é determinado pelo confronto hostil entre capitalista e trabalhador”, e esse enfrentamento ocorre da lógica que tenta reunir o máximo de produção às expensas de outros e do meio ambiente, de modo que essa relação de permuta deve unicamente

garantir o mínimo, ou apenas o necessário para manter a existência animal do trabalhador, desta forma o administrador capitalista regula as demandas, segundo aos próprios interesses, e controla as relações de trabalho. Com efeito, “[...] por isso [é] tão grande a concorrência entre os trabalhadores. Portanto, só para o trabalhador a separação de capital, propriedade da terra e trabalho é uma separação necessária, essencial e perniciosa” (MARX, 2004, p.23).

O emprego é percebido, segundo os entrevistados, então, como uma situação de submissão a regras e institucionalização do trabalho, dentro de ambientes ou situações formais e com figuras de patrão e empregados bem estabelecidas, bem como a proeminência e domínio daquele e a submissão deste. Não obstante, os professores conseguem fazer uma fácil assimilação do seu ambiente de trabalho a mais estereotipada organização fabril, com postos de trabalho estabelecidos, e com obrigação de executarem uma única função bem restrita, subordinados e distantes do grupo administrativo superior. Estes por sua vez podem ter maior remuneração, prerrogativas (consequência da normatização da hierarquia dos postos de trabalho e remuneração) e tomar todas as decisões sobre a gestão da IES e dos funcionários. Nesse sentido Marx (2004) aduz que as organizações dos capitalistas têm como efeito o benefício dos próprios, todavia a organização dos trabalhadores é maléfica e para o sistema capital, portanto, é desmotivada, sucateada e de forma velada punida.

Logo, essa configuração torna-se assimilada pelos entrevistados por 56,52% como emprego, situação a qual alguns professores mantêm por considerarem uma *oportunidade financeira*, de garantia de salário, etapa de ascensão profissional, ou uma situação de conveniência transitória. Nas palavras de um entrevistado ‘*eu não sou professor, eu estou professor*’, haja visto as questões outras, como as descrenças com cenário político nacional e perspectiva de melhores condições de trabalho no exterior. A princípio existe uma dualidade entre os que se identificam como docentes (60,86%) e dos que encontram neste trabalho um modo de permutar sua força de trabalho por capital (39,14%). Destarte, outros professores relataram que viram no trabalho docente uma alternativa durante a formação de empregabilidade, de maneira que se encaminharam em estudos para essa profissão, como alternativa de inserir-se no mundo do trabalho e garantia de sobrevivência.

Houve também uma parcela de professores que relataram uma visão idealizada do trabalho docente, muito fetichizada, e traçaram um paralelo com a educação infantil, conferindo hora uma naturalização como uma espécie de dom, como se houvesse uma predestinação ou característica inata que o levasse a torna-se, não apenas docente, mas um bom docente; e ainda infantilização o aluno, desqualificando a maturidade e as capacidades dos mesmos de desenvolver um debate crítico. Segundo Lima (2010, p. 201) “Esse processo de naturalização impede que os indivíduos percebam que as relações sociais são produtos históricos da ação humana”. Os relatos dos professores estão frequentemente relacionados a uma boa relação afetiva da vida escolar e com os docentes que colaboraram com as aspirações e idealizações desde a infância. Depreendemos esse descolamento da realidade nas enunciações como: ‘*sempre quis ser professor*’.

Assim sendo, o trabalho docente adquire uma conotação auto realizadora, aparenta-se que em insistir em uma profissão incorreria em satisfação pessoal. Associa-se, também, à prazer, memórias afetivas ou mesmo perceberem não ser a principal fonte de renda. Logo, para estes professores o trabalho docente é um trabalho, não um emprego, apesar de pressupor um pagamento e regras, por ser feito com algum grau de afetividade, com objetivo de auto satisfação ou por não ser a principal

fonte renda do professor, logo não demandaria tanto esforço ou empenho, uma espécie de dom ou meio, em última instância, para garantir a sobrevivência, quando referem-se ao salário.

Ao longo das conversas com os docentes, participantes da pesquisa, ficou clara a pouca definição dos conceitos de trabalho e emprego, ou, mesmo, a necessidade de fazer qualquer acepção entre eles, logo, são considerados muitas vezes meros sinônimos. O trabalho *lato sensu* é avaliado pelos participantes como atividade em benefício de outro, atividade essa exercida preferencialmente com retorno financeiro sendo a fonte de subsistência e/ou fonte de obtenção monetária que sustentem as suas famílias.

Os professores apresentavam em suas falas um fracionamento da noção formadora, e por ser fragmentado o processo, não poderia ser diferente, ocorre de maneira alienada, em consideração ao todo, ao processo total da aprendizagem do aluno, como produto de sua ação educativa. Esta alienação do processo formativo total é muito destacada quando nas respostas era comum começarem com *‘posso falar pela disciplina que eu leciono’*.

Com efeito, o fenômeno histórico da fragmentação do trabalho e da própria identidade do trabalhador, vem da divisão de trabalho, intensificada nas revoluções industriais. Com o conceito de divisão de trabalho, Marx destaca a separação entre trabalho urbano (industrial e comercial) e trabalho no campo e constata que a “complexidade da configuração do capital” (LIMA, 2010, p. 35) faz subdivisões do trabalho com o intuito de maximizar a produção. O trabalhador produz pequenas partes do processo criativo perdendo a noção do todo, a produção de riquezas. O trabalhador vai empobrecendo como força criativa, seu trabalho resume-se a processo de produção e não mais a criação de algo. Não apenas o trabalho é objetivado, mas o indivíduo passa ser um ser objetivado. O trabalho perde seu caráter formativo e emancipatório, e desfigura-se nesta nova mercadoria desqualificada: a força de trabalho. A força de trabalho é então mercadoria permutada no capital, e de maneira contraditória, é destituída da sua vitalidade para garantia dos meios de subsistência.

O trabalho na perspectiva marxiana difere-se do emprego e é, segundo Mascarenhas (2005, p. 162), entendido como “expressão da práxis-ação transformadora”. O trabalho nessa perspectiva é a ação intencional de relação do homem com a natureza e com os outros homens, ação esta que é transformadora e constitutiva do gênero humano. O homem se faz homem pelo trabalho, portanto, é a base da constituição social. Já o emprego, é uma investidura do trabalho em uma lógica da sociedade do capital, na qual se empenha sua força de trabalho na forma de mercadoria, ou seja, força de trabalho, mensurada e valorada segundo a proposta comercial de valor de troca. Dessa forma, o emprego é um processo que perverte a potência do trabalho, logo estes docentes estão distanciados da completude dos processos, de seu papel político - próprio do trabalho docente - e de compreender esses processos e qual o resultado final dele.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na leitura de Lukács (1979), Marx atenta para o ente humano se fazer socialmente para e por meio do trabalho inserido na sociedade. O homem é mais complexo do que o animal, pois é um resultado das relações histórico-sociais.

O conceito de trabalho expressado pelos professores participantes da pesquisa como atividade, exercício e/ou função que exige esforço físico, sendo exercida para outrem, em uma relação empregatícia, de venda deste esforço por um valor em permuta de capital se torna assim a forma mais desumanizada de trabalho alienado. A força de trabalho, configurada como mercadoria, torna-se nesse momento um tempo, um esforço e uma produção alheios ao trabalhador desfigurado de uma potência na qual um ser humano é dotado, a um objeto, uma mercadoria, que tem como finalidade a produção de riquezas e acúmulo subservientes aos interesses do outro, da qual esse trabalhador que se distancia da própria força de trabalho não se vê produtor (SAVIANI, 1984; LIMA, 2010). Logo, se a função do trabalho é a formação e a realização dos indivíduos, da mesma forma que a escola tem de mediar as instrumentalizações dos conhecimentos e da cultura, para se fazer humano, um professor em condições de emprego, que pressupõe formação e (re)produção para o interesse de outro, pode formar um indivíduo que possa superar essa lógica?

A Universidade observada é uma instituição municipal, contudo, opera em uma lógica de prestação de serviços, em muitos aspectos, privada. Com a pesquisa observa-se que os professores estatutário e comissionado sofrem um processo alienante, não reconhecem a função ontológica do seu trabalho. Destarte, esses profissionais não desenvolvem a criticidade ao modelo social em que estão inseridos e não se percebem alienados frente ao que assumem serem empregos nos quais empenham suas forças de trabalho. Este quadro é então potencializado pelo regime de trabalho/remuneração (horista). Bem como, é um fator adiabático da realidade alienadora, na qual não reconhecem os produtos do seu trabalho, mercadorias e seu papel político, o que resulta em desmotivação e insatisfação.

Aparentemente, há uma névoa que regula a percepção, quase mística, de imutabilidade e naturalização das condições de (re)produção social e divisão do trabalho na sociedade capitalista. Porém, na realidade, não são determinações de uma força todo-poderosa, mas sim determinações totalizadoras necessárias, do sociometabolismo do capital, inclusive a disseminação e reprodução desse discurso naturalizante e normativo que tem o propósito débil de promover a manutenção do *status quo*. “Ao contrário da mitologia apologética de seus ideólogos, o modo de operação do sistema do capital é a exceção e não a regra, no que diz respeito ao intercâmbio produtivo dos seres humanos com a natureza e entre si” (MÉSZÁROS, 2002, p. 96). Desta maneira, é evidente a debilidade das bravatas que ensejam em justificar a imutabilidade do capitalismo e das perversões do trabalho e da produção, bem como estas contradições são essencialmente indicativas de sua derrocada, pois o sistema não pode ser sustentado sob premissa de permanência, enquanto historicamente é construído – precipuamente de modo contraditório. Não obstante encontra-se saturado e apresenta sinais de sua ineficiência.

A negativa da centralidade das discussões acerca do trabalho realizado dentro da lógica do modo de produção capitalista, sendo este, o trabalho, compreendido como potência antagonista ao capital em si, é enfaticamente protelada pelos apologistas do capital (MÉSZÁROS, 2009). Posto de outra forma, o trabalho é um dos principais pilares para que se sustente este modelo de produção, ao passo que é a chave da derrocada desse sistema, justamente pela centralidade que ocupa. Aqueles entusiastas da manutenção do capitalismo buscam estabelecer algumas projeções ou ideias com a finalidade de falsear a realidade e sugerir a defasagem do debate. Embaçam a realidade com projeções que visam tanto tentar mascarar as crises e contradições do capital, como disseminar uma noção de

que a problemática foi superada. Proclama-se que “vivemos uma época de equalização e fusão das classes” (MÉSZÁROS, 2009, orelha) logo, as divisões de classe estão deixando de existir.

Sem embargo, uma análise mais atenta demonstra que no cenário mundial, o fenômeno da divisão de classe toma proporções maiores e alarga o abismo entre a classe burguesa e o proletário. Com as “fusões de proporções monumentais. Não entre classes, mas entre corporações gigantescas quase monopolistas” (MÉSZÁROS, 2009, orelha) e o acúmulo das riquezas produzidas em cifras inimagináveis por uma pequena parcela da população mundial, elaborando e intensificando os processos exploratórios e marginalizantes da centralidade do poder para a classe trabalhadora. O sujeito, então, afastado da realidade dos grandes milionários e gestões dos poderes econômicos, apenas conseguem se comparar aos seus pares. Nesta comparação, uma vez que se compreenda melhor posicionado dentro das relações de trabalho ou sua realidade concreta imediata se empenha na defesa do sistema que julga favorecê-lo.

Com efeito, é preciso reconhecer que as questões do trabalho não foram superadas (ANTUNES, 2009; MÉSZÁROS, 2009). E então, nos campos teórico e da prática social, sob a égide da centralidade do trabalho na reprodução da vida humana e da sociedade e tendo essa premissa convertida em potência, em instrumento de transformação da realidade, para, enfim, superar a produção capitalista.

Vaz e Favaro (2010) afirmam que entender os moldes de produção do trabalho do professor na sociedade capitalista é uma tarefa de investigação, e deve estar atrelado a leitura da sociedade do capital em suas relações sociais e modos de produção desse sistema. As autoras destacam também como o sistema capitalista promove uma desvalorização do trabalho docente a partir de dispositivos como as políticas educacionais, que regulam o funcionamento e teorias pedagógicas das práticas docentes, ou seja, existem medidas institucionalizadas de manutenção e adequação desses sujeitos ao modelo de produção do capital.

Em suma, para os entrevistados, a docência começa como alternativa à profissão em que foi habilitado na graduação. Desta forma, seguir o caminho acadêmico, nas palavras de determinados participantes, era uma opção ao ambiente clínico. Ou seja, a pós-graduação (*stricto sensu*) se torna um caminho profissionalizante também para quem vê a possibilidade de inserção profissional como professor de nível superior. Assim, eles relatam ingressar nos programas de pós-graduação para concorrer a cargos de docentes em IES, e ainda, para eles, a docência também foi tomada como uma alternativa de profissão de que possuía algum prestígio social.

A análise, assim como a crítica, depreende um esforço em conhecer, exige um movimento de *detour* para enxergar mediante a realidade aparente. Mas, também, depende das condições objetivas e dos acessos que são, mais ou menos, proporcionados pela materialidade econômica, social e ideológica a qual os sujeitos estão submetidos, em um determinado tempo e espaço. Portanto, esse empenho, a única forma de chegar à verdade sobre um determinado objeto e superar sua forma imediata, descortinando a realidade para além das aparências, pois essas, além de ser falsa é ilusória, mas é real, e Marx (1983) afirma que não é uma coisa ou outra, mas uma coisa e outra, e, essa ilusão é real enquanto existência concreta, mas é ilusória na medida em que não expressa as relações que de fato são constituídas.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª Ed. 10ª reimpr. rev. e ampl. São Paulo: Boitempo, 2009.
- DANGEVILLE, Roger. Marx e Engels: crítica da educação e do ensino. **Germinal**: Marxismo e Educação em Debate, Londrina, v. 3, n. 2, p. 109-134, dez. 2011.
- LIMA, Laís Leni. **As muitas faces do trabalho que se realiza na educação infantil**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.
- LUKÁCS, György. **Os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. Ed. Ciências Humanas, São Paulo. 1979.
- MANACORDA, Mário Alighiero. Marx e a pedagogia moderna. São Paulo: Cortez, 2000.
- MASCARENHAS, Ângela. **Educação, trabalho e política**: uma relação inevitável. In: MASCARENHAS, Ângela Cristina Belém (org.). Educação e trabalho na sociedade capitalista: reprodução e contraposição. UCG: Goiânia, 2005.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. 2004. 2ª Reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1983.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo. 2007. *E-book*.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria de transição. São Paulo: Boitempo, 2002.
- MÉSZÁROS, István. Orelha. In: ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª Ed. 10ª reimpr. rev. e ampl. São Paulo: Boitempo, 2009.
- OLIVEIRA, Vivianne. **Ser bacharel e ser professor**: sentidos e relações entre bacharelado e a docência universitária. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/14358/1/VivianneSO\\_TESE.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/14358/1/VivianneSO_TESE.pdf)
- REIS, Márcia. **Expansão e interiorização da educação superior**: o caso singular do município de Jataí-GO. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3402>. Acesso: 17 de outubro de 2021.
- RIBEIRO, Guilherme da Silva. **O professor e o trabalho da UNRV**: uma investigação na perspectiva marxiana. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Jataí. Jataí, 2021.
- ROSSLER, J. H. A Educação como aliada na luta revolucionária pela superação da sociedade alienada. In: DUARTE, Newton. (org.) **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas: Autores Associados, 2004.
- SAVIANI, Dermeval. Sobre a natureza e especificidade da educação. **Revista em Aberto**. V. 3, n. 22, jul./ago. PP. 01/06. Brasília, 1984.

SAVIANI, Dermeval. Transformações do capitalismo do mundo do trabalho e da educação. *In*: LOMBARDI, José. SAVIANI, Dermeval. SANFELICE, José (orgs.). **Capitalismo, trabalho e educação**. 3. ed. HISTEDBR, Coleção educação contemporânea. Campinas: Autores associados, 2005.

SILVA, Fernando. O agronegócio e a produção territorial recente em Goiás (2000-2012). **Sociedade e Território** – Natal. Vol. 27, N. 3, p. 145 - 163. Jul./Dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/4992>. Acesso: 12 de maio de 2021.

VAZ, Joana D'arc. FAVARO, Neide. Os desafios do trabalho docente na sociedade capitalista. **Revista Travessia**. v. 4, n. 1. 2010.

Recebido em: 3 de maio de 2023.

Aprovado em: 6 de outubro de 2023.

Link/DOI: <https://doi.org/10.30681/reps.v14i3.11155>

---

<sup>i</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Jataí (UFJ, 2021). Professor do Ensino médio e Ensino Fundamental Anos Finais da Escola SESI. Parnamirim-Rio Grande do Norte, Brasil.

Curriculum lattes: <https://lattes.cnpq.br/7842636015302500>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0364-2255>

E-mail: [oguilherme\\_94@hotmail.com](mailto:oguilherme_94@hotmail.com)

<sup>ii</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG, 2010), Professor Adjunto da Universidade Federal de Jataí (UFJ), integrante do Grupo de Pesquisa e Trabalho na Educação Infantil da Universidade Federal de Jataí (GETEI/UFJ), Jataí-goiás, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8557144509012375>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1998-8648>

E-mail: [lais\\_lima@ufj.edu.br](mailto:lais_lima@ufj.edu.br)